A LUTA ENTRE RELIGIÃO E PENSAMENTO RACIONAL NA GRÉCIA CLÁSSICA*

MARIA IVONE PALEIKAT
Doutor em Letras**

O homem primitivo, com o despertar da consciência, encontra-se num mundo de objetos e se vê diante de uma enormidade deles. Necessidades práticas obrigam-no a se aproximar, de alguma forma, desse mundo, e de formar uma imagem do que o cerca. Muito cedo reconhece que um imenso número de acontecimentos da natureza não dependem do homem, e que muitas forças naturais são mais fortes do que ele. Este reconhecimento faz surgir a religião. Esta, pela colaboração de diversos fatores, se desenvolve mais e mais, até apoderar-se de toda a vida espiritual do homem primitivo. O resultado do pensamento não científico ou pré-científico é uma visão prática do mundo, cujo centro é a consciência religiosa. Até este ponto é idêntico o desenvolvimento em todos os povos. Daqui para adiante começa a diferenciação entre nações de vida espiritual dirigida e os de liberdade espiritual. Às primeiras pertencem os egípcios e os povos semíticos da Ásia. Entre eles se desenvolve a classe dos sacerdotes, que se torna guardião da religião. A visão prática do mundo toma formas fixas, é comprimida em dogmas e ordena todas as conquistas do espírito dentro da teologia. Tudo que o espírito humano realiza segue por um dos dois seguintes caminhos: ou os sacerdotes se apoderam imediatamente desta conquista espiritual para ordená-la de alguma forma dentro do sistema teológico, ou, caso isto não seja possível, é proscrita como contrária à religião. Portanto, neste caso, não se pode desenvolver nenhuma ciência verdadeira — só existe a sabedoria sacerdotal. E o que aconteceu na Idade Média: a Bíblia e ARISTÓTELES eram o princípio e o fim de toda a sabedoria. Sem dúvida, como podemos verificar entre os povos antes citados, pelos sacerdotes pode ser realizada muita coisa de valor, que no entanto não se pode classificar como verdadeira ciência, porque esta exige, como elemento fundamental, a liberdade, para que não ocorra a estagnação de toda a vida intelectual. Se entretanto nestas condições surge um impulso de investigação com força irreprimível, acontecem lutas sangrentas.

É completamente diferente a situação num povo que, apesar de sua visão prática do mundo, matém a agilidade intelectual. É este tipo de povo que são os gre-

*Tradução do trabalho *Der Kampf zwischen Religion und Aufklärung im klassischen Griechenland*, apresentado na Universidade de Berlim pelo Professor Jorge Paleikat, em 1912.

**Professor Titular, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

os deuses formaram-se da arquimatéria e são perecíveis.

4) Indiferença religiosa: o filósofo deixa a religião de lado, preocupa-se exclusivamente com o seu sistema e não chega às consequências hostis à religião a que no fundo sente-se impelido.

Este último ponto de vista é provavelmente o mais comum na prática. As outras possibilidades, porém, também ocorrem. Mas sabemos pouca coisa de certo a respeito.

Entretanto, ao lado da filosofia da natureza, desenvolve-se, muito breve, a filosofia da religião. Um início neste sentido encontramos em HERÁCLITO. Parece que ele combateu parte dos ritos culturais e considerou a religião tradicional mero engano; parece também ter pouco apreciado HOMERO e HESÍODO. Representava uma espécie de panteísmo, considerando deus *coincidentia oppositorum*. Mas nada se sabe de que teria atacado a religião popular, mesmo porque isto pouco se coadunava com o seu espírito aristocrático e o seu desprezo pela massa.

O primeiro filósofo da religião realmente importante é XENÓFANES. É o primeiro que não parte de especulações filosóficas naturalistas, ao contrário de HERÁCLITO, mas para ele a filosofia da religião é um campo próprio. (Também critica duramente a religião tradicional.). Dois pontos são importantes na filosofia da religião de XENÓFANES:

1) A sua dura crítica da religião tradicional e sua polêmica contra o politeísmo e o antropomorfismo.

2) Seu panteísmo puramente especulativo, de onde parte para desenvolver uma forma de cosmologia. XENÓFANES é o primeiro teólogo racional.

A sua influência parece ter sido pequena, "o século não estava maduro para o seu ideal". Ocasionalmente surgiu forte oposição contra ele. Mas nada se sabe de uma possível perseguição sangrenta. Porém se os gregos não perseguiam XENÓFANES, não precisavam perseguir ninguém — a religião grega não exigia mesmo o sangue de seus inimigos. A influência de XENÓFANES sobre a filosofia posterior também parece ter sido pequena. Uma era nova começa depois do feliz desfecho das guerras persas. O horizonte do povo grego se alargou imensamente. Em virtude disto sente-se uma nova necessidade cultural. A antiga formação, baseada em HOMERO e HESÍODO, já não é bastante. A partir daí desperta um interesse geral pelo que os antigos filósofos realizaram. E surge a sofística, atendendo à nova necessidade cultural. É significativo que junto com o surgimento da sofística a filosofia da natureza sobre a sua bancarrota; o nihilismo de GÓRGIAS e o subjetivismo de PROTÁGORAS decretam-lhe o fim. Os sofistas se preocupam com o que é praticamente útil na vida, principalmente na vida política. A partir daí, tornam-se professores de retórica e ensinam como se pode dirigir o povo com falas inteligentes e sempre impor a sua vontade, mesmo quando se representa uma causa maléfica. Os sofistas são muito criticados por isto, mas a sua atuação é realmente útil num estado democrático. Paralelamente, surge a rejeição de toda autoridade; critica-se a tradição moral e social. Naturalmente a crítica não pára diante da religião, embora, ao que parece, a sofística de início atuou menos neste campo. Não admira que este espírito com o tempo foi formando círculos cada vez maiores e começou a refletir-se cada vez mais. Até as doutrinas dos filósofos naturalistas foram mais tarde usadas contra a religião pelos sofistas ou os seus discípulos imaturos e entusiasmados. A sofística encontra sua expressão poética em EURÍPIDES que, embora não sendo a-

teísta, critica a religião tradicional e realiza, em muitos pontos, um trabalho de esclarecimento. Um dos grandes sofistas, PROTÁGORAS, criou uma filosofia da religião que é um tanto cética, de acordo com a sua teoria do conhecimento. Não aceita a teologia racional, embora praticamente não parece ter sido ateu. Devido à sua posição cética diante da religião foi expulso de Atenas, e suas obras foram queimadas. Tal só pode ter acontecido por motivos políticos. PROTÁGORAS, como professor de retórica, que em primeiro lugar tinha utilidade política, deve ter tido muitos inimigos; talvez até desempenhasse diretamente um papel político do desagradado de muitos. Esta suposição se torna ainda mais plausível, pelo fato de o filósofo ter sido amigo de PÉRICLES, e o estadista ter se aconselhado com ele em assuntos de Estado. É muito provável que, depois da desastrosa expedição à Sicília, e durante as perigosas complicações da Guerra do Peloponeso, o ódio do povo ateniense se dirigisse contra PROTÁGORAS, que justamente então estava oferecendo um pretexto para ser processado por *asebia*. O ódio do povo de Atenas, reprimido por muito tempo, explodia assim com força total, enquanto os demais gregos nem tomavam conhecimento do fato. Alguns anos antes houve um processo de *asebia*, naturalmente também em Atenas, contra DIÁGORAS DE MELOS. Este negava diretamente a existência de Deus. São escassos os relatos sobre ele; parece ter sido uma figura passional e agressiva e ter-se tornado ateu por uma circunstância exterior. Ao que tudo indica, atuou como agitador fanático, atacando religião e culto. Não admira que os atenienses agiram contra ele. Nada mais sabemos sobre ele. Para o desenvolvimento da filosofia DIÁGORAS é absolutamente sem importância; parece ter sido um tipo confuso, um tanto violento.

Importante para a história da filosofia da religião é CRÍTIAS. A sua explicação da religião é sui-generis. Conforme ele, os deuses foram inventados por políticos astutos, para impedir os maus de cometer maldade; as pessoas deveriam pensar sempre que, mesmo em segredo, quando nenhum homem as observava, o olhar dos deuses estava sempre a vigiar as suas ações. Portanto, os deuses são uma invenção de um estadista que precisava de policiais. Esta é a teoria do embuste para o surgimento da religião. Importante é que aqui, pela primeira vez, cogita-se da questão da essência e do surgimento da religião de uma forma científica. Posteriormente ainda houve representantes desta explicação da religião, mas não alcançou uma expansão maior.

Naturalmente CRÍTIAS não foi perseguido, porque as circunstâncias políticas o tornavam impossível. Se fosse próprio da alma popular grega e do espírito da religião helênica perseguir hereges, que fúria de indignação não se teria contra CRÍTIAS, sem que nem mesmo sua posição política o pudesse proteger! Ao menos CRÍTIAS teria sido bastante inteligente para não tornar públicas as suas convicções filosófico-religiosas, se tivesse de temer que pudesse provocar inimizades com a sua doutrina. De qualquer maneira, o fato de um estadista representar tal filosofia da religião, é a prova mais contundente de que ao espírito da religião grega era alheia qualquer perseguição de hereges, pois é inconcebível que um político tão hábil como CRÍTIAS fosse provocar escândalo sem necessidade alguma. Sabemos pela história que as relações dos trinta tiranos entre si e para com os cidadãos não eram das melhores. De tal maneira, nenhum deles ofereceria um pretexto para gerar maior descontentamento.

É evidente que a religião tradicional aos poucos ficasse enfraquecida pelo

pensamento racional que cada vez mais se expandia. É um fato historicamente muito importante que a religião grega, sendo completamente alheia a qualquer perseguição de hereges, tanto pela sua essência como pela sua organização exterior, possibilitou o desenvolvimento da ciência, que por fim abalou a própria religião tradicional. A religião grega neste ponto é comparável a uma mãe inteligente: enquanto os seus filhos eram menores e precisavam dela, cuidou deles; desde que se tornaram maiores, deixou-os trilhar os próprios caminhos, ao contrário de uma mãe possessiva que tenta mantê-los praticamente como fantoches. Este fato fez com que o povo grego pudesse tornar-se o que se tornou: o criador da ciência, o gerador de toda a cultura ocidental. Naturalmente na Grécia também havia mentes bitoladas que não reconheciam a magnitude daquilo que os grandes gênios criavam; prendiam-se ao tradicional e combatiam a ciência. Esta tendência anti-cultural, de certo modo, até se justifica, pois a ciência, como não podia deixar de ser, às vezes se desvirtuava, demonstrando uma certa frivolidade contra religião e bons costumes: contra tudo que era caro ao cidadão médio, e feriu muitas vezes sem necessidade. Um exemplo disso é a nova sofística. O mais conhecido representante da tendência tradicional é ARISTÓFANES, um homem à antiga, que combate simplesmente toda ciência e gostaria de destruir tudo que a ela se refere, até a gramática. Mas, o que é bem compreensível dentro do espírito da antiguidade, ele não deseja uma perseguição sangrenta contra os filósofos. Com nenhuma palavra ele insinua que os sofistas deveriam ser mortos. Contenta-se em ridicularizá-los. Vê-se portanto que, onde não há paixões partidárias, onde não existem interesses políticos, ninguém sequer pensa em matar filósofos. E no entanto, *As Nuvens* foram apresentadas em 423, quando existia a lei de DIOPEITES, e ANAXÁGORAS tinha sido exilado. Daí se conclui que a lei da *asebia* não era levada a sério. Ninguém pensa em perseguir todos os sofistas. Sabe-se que a lei da *asebia* só tem o objetivo de ser aplicada quando se trata de questões políticas. Esta é, pelo menos, a prática.

Em 399 aconteceu o mais famoso processo de *asebia* — o processo contra SÓCRATES. Estranho: em 429/28 correu o processo contra ANAXÁGORAS; em 415/14 o contra DIÁGORAS; em 412/11 contra PROTÁGORAS. Nunca, em nenhuma dessas ocasiões, observou-se que também SÓCRATES doutrinava em Atenas, ninguém lembrou de processá-lo, embora os comediógrafos se ocupassem intensamente com ele. De repente, em 399, revolve-se chamar às barras do tribunal o anelão de setenta anos. É mais do que óbvio que havia outros motivos que não de ordem religiosa, e que a *asebia* foi apenas um pretexto. Pode ser que ocasionalmente se ligasse a decadência de Atenas com a decadência da religião tradicional. Mas isto certamente não era decisivo.

Os verdadeiros motivos que provocaram a morte de SÓCRATES parecem ser os seguintes:

- 1) ódio pessoal: com a sua ironia SÓCRATES provocou a mais profunda aversão de muitos atenienses;
- 2) a lembrança de que CRÍTIAS e ALCIBÍADES, que tiveram uma atuação muito desastrosa para o Estado de Atenas e trouxeram muito sofrimento para os atenienses, vinham do círculo de SÓCRATES. O povo ateniense queria vingar-se, queria a sua vítima, e SÓCRATES era a personalidade por excelência que se prestava para isto. XENOFONTE insiste com ênfase neste ponto;
- 3) do ponto de vista ateniense, SÓCRATES realmente corrompeu a juventude, pois

a educavam para o desprezo das instituições existentes. CRÍTIAS vinha do círculo de SÓCRATES; não é de se admirar que depois da queda dos trinta tiranos a democracia ressuscitada atacasse o homem que ensinou ao seu maior inimigo que a democracia era algo de tolo. Ainda em 345 existia em Atenas a imagem de SÓCRATES como inimigo da democracia. ESQUINES o taxa como tal e não é possível que use de uma prática comum entre os oradores antigos, a da falsificação histórica, supondo que os ouvintes não estejam a par da questão, porque a imagem de Sócrates estava ainda muito viva através dos escritos dos seus discípulos e portanto não há possibilidade de se dizer algo de falso.

A morte de SÓCRATES é, portanto, unicamente a consequência da antipatia política. É difícil decidir se Sócrates era ou não era culpado de *asebia*. A atuação de Sócrates se desenvolve em campos muito diferentes da filosofia da religião. É difícil descobrir qual a sua opinião teológica. Provavelmente não era nem ateuista nem seguidor da religião tradicional. É notável que lhe são atribuídos elementos de teologia racional.

Com SÓCRATES conclui-se o esclarecimento grego. Lança-se uma nova ciência. Os fundamentos da religião foram aos poucos enfraquecidos. O culto exterior continua a existir, a grande massa ainda pratica a religião tradicional, mas a elite a superou; por figuras como ARISTÓFANES este desenvolvimento apenas passou. Entre as grandes personalidades encontramos uma concepção teórica do mundo, a filosofia predomina. A religião tradicional existe apenas através da interpretação alegórica dos mitos. Homero continua vivo como elemento historicamente importante. O conhecimento dos poemas homéricos pertence à boa formação. Reconhece-se o valor educativo de HOMERO, mas já não representa o papel de bíblia nas camadas mais cultas.

A religião grega, de maneira geral, na época do surgimento da filosofia é um bem comum a todos os gregos, apesar de algumas diferenças locais.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 ARISTOPHANIS Comoediae. Leipzig, Tauchnitz, 1860. 371p.
- 2 DIELS, Hermann. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin, Weidmann, 1912. 434p.
- 3 GOMPERZ, Theodor. *Griechische Denker*. Leipzig, Veit, 1911. 472p.
- 4 GÜTHLING, Otto. *Plutarchs vergleichende Lebensbeschreibungen*. Leipzig, Reclam, s.d. 214p.
- 5 NESTLE, Eberhard. *Euripides, der Dichter der griechischen Aufklärung*. Stuttgart, Klett, 1901. 456p.
- 6 PEPPMÜLLER, Rudolf. *Hesiodos*. Halle a. S., Buchhandlung des Waisenhauses, 1896. 293p.
- 7 PLATONIS Apologia. Leipzig, Teubner, 1910. 174p.
- 8 STEIN, Heinrich. *Herodotos*. Berlin, Weidmann, 1883. 172p.
- 9 VOSS, Johann Heinrich. *Homers Odyssee*. Leipzig, Reclam, s.d. 327p.
- 10 XENOPHONTIS Commentarii. Leipzig, Teubner, 1902. 150p.

Endereço para correspondência: Rua Castro Alves, 1169
90410 Porto Alegre, RS, Brasil.